revec
Revista de Estudos de Cultura
https://seer.ufs.br/index.php/revec
REVISTA DE ESTUDOS DE CULTURA
São Cristóvão (SE) | v. 11 | n. 28 | Jul. Dez./2025 | p. 85-102
Submetido em 30/04/2025 Aceito em: 30/09/2025

O CANÔNICO E O INOVADOR NO ENSINO E APRENDIZAGEM DE LITERATURA INFANTOJUVENIL: A LEITURA DOS CLÁSSICOS NA CONTEMPORANEIDADE

Dalva de Souza Lobo*

RESUMO

Este artigo se propõe a compreender a perspectiva dialética entre o canônico e o inovador no âmbito do texto literário, assumindo como objetivo principal investigar como ambos se configuram no ensino e aprendizagem de literatura infantojuvenil, considerando os avanços tecnológicos da contemporaneidade. Partindo de uma pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico, a reflexão se ancora em referencial teórico da literatura, da educação, da teoria crítica e da crítica literária. Mobilizam-se os conceitos de bem incompressível, a partir de Antonio Cândido e de crítica literária, de Roberto Schwarz, para dialogar com autores que discutem o tema proposto. Destaca-se dentre os resultados, a potência alcançada pelo diálogo entre inovação e tradição para o ensino e aprendizagem de literatura infantojuvenil que sem excluir uma delas exacerba a dimensão humana do educar e do aprender.
Palavras-chave: Texto literário; Crítica literária; Dialética.

* Doutora em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM-SP). Pós-doutora em Letras (Literatura) pela Universidade Federal de Santa Catarina – (UFSC). Docente nos cursos de Graduação em Pedagogia e de Pós-Graduação - Mestrado acadêmico, na Universidade Federal de Lavras (UFLA). Líder do Grupo de Pesquisa *Intersignos*: Literatura, Linguagens, Tradução Intersemiótica e Formação docente. Membro do Grupo Teoria Crítica e Educação (UFSCar-UFLA). ORCID: https://orcid.org/0000-0002-9224-5245. E-mail: dalvalobo48@gmail.com – dalva.lobo@ufla.br (institucional)

THE CANONICAL AND THE INNOVATIVE IN THE TEACHING AND LEARNING OF CHILDREN'S LITERATURE: READING THE CLASSICS IN CONTEMPORANEITY

Abstract
This article aims to understand the dialectical perspective between the canonical and the innovative in the literary text sphere, with the main objective of investigating how both are configured in the teaching and learning of children's literature, considering contemporary technological advances. Starting from qualitative research, of a bibliographic nature, the reflection is anchored in theoretical references of literature, education, critical theory and literary criticism, mobilizing the concepts of incompressible good, from Antonio Cândido and literary criticism, by Roberto Schwarz, to dialogue with authors who discuss the proposed topic. Among the results, the power achieved by the dialogue between innovation and tradition for the teaching and learning of children's literature stands out, which without excluding one of them exacerbates the human dimension of educating and learning.
Keywords: Literary text; Literary Criticism; Dialectic.

O CANÔNICO E O INOVADOR NO ENSINO E APRENDIZAGEM DE LITERATURA INFANTOJUVENIL: A LEITURA DOS CLÁSSICOS NA CONTEMPORANEIDADE

Resumen
Este artículo se propone comprender la perspectiva dialéctica entre lo canónico y lo innovador en el ámbito del texto literario, asumiendo como objetivo principal investigar cómo ambos se configuran en la enseñanza y aprendizaje de la literatura infantil y juvenil, considerando los avances tecnológicos de la contemporaneidad. Partiendo de una investigación cualitativa, de carácter bibliográfico, la reflexión se ancla en el referencial teórico de la literatura, la educación, la teoría crítica y la crítica literaria, movilizándose los conceptos de bien incomprensible, a partir de Antonio Cândido, y de crítica literaria, de Roberto Schwarz, para dialogar con autores que discuten el tema propuesto. Se destaca entre los resultados, el potencial alcanzado por el diálogo entre innovación y tradición para la enseñanza y aprendizaje de la literatura infantil y juvenil que, sin excluir una de ellas, exacerba la dimensión humana de educar y aprender.
Palabras clave: Texto literario; Crítica literária; Dialéctica.

1 INTRODUÇÃO

Um dos desafios mais recorrentes no ensino de literatura trata de: como ensinar? qual perspectiva adotar, a inovadora ou a clássica? Junto a esse desafio, soma-se outro: como inovar? Até que ponto? Por que ler os clássicos? O que há de mais atual em termos de tecnologia para contribuir com o ensino de literatura? Isso consiste em inovação, de fato? Como transpor metodologias tradicionais sem perder a essência formativa da literatura? Essa busca não reside apenas em metodologias, mas na capacidade de ressignificar o ato de ler, compreender e experienciar a literatura em suas múltiplas dimensões.

Tais questionamentos, feitos pelos docentes dos cursos de Letras e de Pedagogia, denotam a angústia frente ao discurso imperativo do "se manter sempre atualizado", o qual se impõe como obrigação, sobretudo quando se trata de acompanhar as novas tecnologias e metodologias de ensino; como se fosse possível acordar diariamente sabendo de que tecnologia de ponta se poderá ou deverá lançar mão para a aula do dia. Não se trata de negar as benesses trazidas pela tecnologia; é notório o avanço e a inovação, haja vista o diálogo interartes, cujas semioses migram para o espaço virtual tornando ubíqua a presença de personagens fictícias, culminando em maior interação junto ao texto literário mediante a imersão leitora, cada vez mais ativa no processo de criar ou recontar uma história. Todavia, para que essas benesses se efetivem é importante um olhar criterioso sobre a forma como se utiliza o recurso tecnológico, o que implica maior aprofundamento sobre os imperativos da Indústria Cultural, termo cunhado pelos filósofos da Escola de Frankfurt, Theodor Adorno e Max Horkheimer, posto que,

> Os produtos da indústria cultural podem estar certos de serem jovialmente consumidos, mesmo em estado de distração. Mas cada um destes é um modelo do gigantesco mecanismo econômico que desde o início mantém tudo sob pressão tanto no trabalho quanto no lazer que lhe é semelhante. (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 116)

Para os filósofos da Escola de Frankfurt, a Indústria Cultural "não tem mais de se afirmar sobre a resistência do material, e é, ao mesmo tempo, a negação do estilo" (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 115), ou seja, o que se impõe é a negação da autenticidade do que se produz, e assim, constitui-se a massificação, pois, como asseveram Adorno e Horkheimer, "Sob o poder do monopólio, toda cultura de massas é idêntica [...], e a indústria cultural pode fazer o que quer da individualidade somente porque nela, e sempre, se reproduziu a íntima fratura da sociedade" (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 118).

Considerando a perspectiva dos filósofos alemães, nota-se o quanto uma sociedade orientada para o consumismo e a necessidade de se manter sempre atualizada impõe uma dinâmica pautada pela racionalidade neoliberal, que segundo os pensadores franceses, Dardot e Laval (2016), trata de uma força político-econômico-ideológica que visa promover a colonização da cosmovisão dos sujeitos, mediante a normalização e padronização das subjetividades em uma disciplina de obediência e concorrência. Assim, para lidar com tais questões, tão antagônicas ao princípio de uma educação que busca a formação integral do indivíduo, é preciso desenvolver a perspectiva crítica, da qual a literatura, enquanto materialidade cultural, é partícipe.

Em se tratando do ensino especificamente, é importante refletir sobre tal questão, na medida em que ela impacta os modos de lidar com as tecnologias em sala de aula, tendo em vista a rapidez com se estas se renovam, exigindo a mesma celeridade por parte dos docentes e, às vezes, dificultando a apreensão por parte dos alunos de absorver os conteúdos tão rapidamente transmitidos. No caso da literatura, esse imediatismo e celeridade impedem o leitor de degustar de forma mais contemplativa o que o texto literário pode revelar. Por isso, a perspectiva dialética do crítico literário e sociólogo, Antonio Candido e do filósofo e crítico literário, Roberto Schwarz, é um terreno fértil para refletir sobre as possibilidades de o ensino escapar à lógica neoliberal em direção a uma educação sensível e holística, da qual faz parte, certamente, o ensino de literatura.

A literatura é um fenômeno cultural, social, histórico e estético, sendo um direito inalienável de todos os membros da sociedade; por isso, compreender a dimensão da literatura clássica e das inovações tecnológicas no ensino de literatura em nossa contemporaneidade, numa perspectiva dialética, potencializa o diálogo entre tradição e inovação, sem que se sobreponha uma a outra. É nessa perspectiva que o presente trabalho propõe um olhar sobre o ensino de literatura no contexto dos clássicos e do inovador no âmbito do texto literário, assumindo como objetivo principal investigar como ambos se configuram, dialeticamente, no ensino de literatura infantojuvenil.

Acredita-se no potencial formativo da literatura, tanto no âmbito individual quanto no coletivo, e, para além dos muros da escola, no quanto a competência leitora propicia uma atuação mais consciente e engajada na sociedade. O mesmo ocorre quando se fala da literatura infantojuvenil, pois ela inicia o processo formativo individual e coletivo ao trazer temas que percorrem o humano, porém, com elementos próprios às diferentes faixas-etárias, de modo que temas como amor, medo, alegria, entre outros, são tratados numa linguagem mais acessível à criança e ao jovem leitor, porém, sem excluir a seriedade com que são apresentados e trabalhos pelo texto literário.

Quanto ao procedimento metodológico, as seções, ancoradas em referencial teórico pertinente à proposta desse trabalho, visam discorrer sobre a literatura enquanto fenômeno cultural, social, histórico e estético, e sobre a literatura infantojuvenil e o ensino na perspectiva de Candido e Schwarz para, a seguir, abordar a perspectiva clássica e a inovadora do texto literário na configuração do ensino numa perspectiva dialética.

Quanto às considerações finais, dada a complexidade do tema, espera-se, menos responder às muitas questões que ele suscita, do que provocar novas discussões e reflexões acerca do que significa ensinar literatura infantojuvenil em nossa contemporaneidade.

2 LITERATURA: UM BEM INCOMPRESSÍVEL E A CONTEMPORANEIDADE

Sobre o impacto da literatura na formação do sujeito social, ainda há muito o que aprender com o sociólogo e crítico literário Antonio Candido, um dos expoentes do universo literário. Sua convivência com o padre, economista e também sociólogo francês Louis-Joseph Lebret foi muito profícua para ambos, sobretudo no período de 1940 e 1960, quando o padre atuou no Brasil.

Fundador do Movimento Economia e Humanismo, Lebret propunha o planejamento social, baseado nas condições de vida das populações periféricas do país, sobretudo nas favelas de grandes cidades, como São Paulo e Rio de Janeiro. Desse modo, reuniu intelectuais, dentre os quais, Antonio Candido, além de leigos e clérigos, para criar estratégias que viabilizassem o desenvolvimento integral que culminasse na equação social, econômica numa perspectiva humanista.

É desse período entre ambos os sociólogos que Candido propôs relacionar o conceito de bens compressíveis e incompressíveis, desenvolvido por Lebret, com os direitos humanos, na mesma perspectiva da arte e da cultura, destacando a literatura para examiná-la também no contexto sócio-histórico e cultural daquele momento, com o intuito de promover uma formação integral e digna dos sujeitos. Isso para o sociólogo e crítico brasileiro se tratava de um problema de ordem social, também, visto que,

> Certos bens são obviamente incompressíveis, como o alimento, a casa, a roupa. Outros são compressíveis, como cosméticos, enfeites, roupas supérfluas. **Mas a fronteira entre ambos é muitas vezes difícil de fixar. [...]. São incompressíveis** a alimentação, a liberdade individual, o amparo à opressão, etc. e também, **o direito à crença, à opinião, ao lazer, e por que não à arte e à literatura.** [...]. O fato é que cada época e cada cultura fixam os critérios de incompressibilidade, **que estão ligados à divisão da sociedade de classes**, pois inclusive a educação pode ser instrumento para convencer as pessoas de que o que é indispensável para uma camada social não o é para outra. (Candido, 2017, p. 175-176 - grifos meus)

Nota-se que os bens a que se refere Candido estão diretamente ligados a uma questão de classe, isto é, à divisão de classe social que se estende para a cultura e a arte, inclusive a educação, da qual deriva o ensino de literatura. Para o sociólogo e crítico literário estes se definiriam como bens incompreensíveis por conferirem dignidade ao homem.

Retomando o que foi dito anteriormente acerca da racionalidade neoliberal e da Indústria cultural, pode-se inferir o quanto ambas atuam como forças político-econômico-ideológicas que afetam, sobremodo, a educação de modo geral e em particular, no âmbito dessa reflexão, o ensino e aprendizado de literatura infantojuvenil, à medida que se relega ao esquecimento obras da literatura clássica, como se fossem obras de menor valor ou "envelhecidas", preconizando, por vezes, obras que não saem da superficialidade, como alguns *best sellers*.

Sendo um direito inalienável, e, portanto, um bem incompressível, a literatura figura entre os elementos culturais insubstituíveis, que não podem se submeter aos interesses de classes ou ideológicos, sob o risco de esvaziamento cultural e social. Porém, como debelar a imposição por parte da dinâmica neoliberal, que preconiza a constante inovação no ensino, sobretudo no contexto da tecnologia, cuja obsolescência ocorre em pouco tempo?

Provocar tal reflexão no contexto do ensino de literatura, sobretudo a infantojuvenil significa adentrar na seara humanizadora que desperta para a sensibilidade decorrente do diálogo entre leitor e texto em diferentes contextos de produção, alcançando, desse modo, o ensino e aprendizagem pautados na fruição estética, sem a pressa tão comum em nossa contemporaneidade, e sem a necessidade de ter a resposta célere, pronta e, na maior parte das vezes, pasteurizada.

Daí ser importante um olhar que se volte para a tradição literária, hoje menos trabalhada do que deveria na sala de aula; e no que toca especificamente ao ensino de literatura infantojuvenil, é importante essa fruição para que os jovens aprendam a contemplar tudo o que o texto literário tem a oferecer em termos de arte, cultura, cidadania, diversidade e humanidade.

Certamente isso não exclui o ensino das questões afetas ao aprendizado da língua, da linguística, da semântica, etc., no entanto, é possível fazê-lo sem escolarizar o texto, motivo pelo qual revisitar os cânones literários propondo diálogo com as inovações mais contemporâneas é tão relevante para a formação leitora.

Cabe reiterar que o ensino do cânone não exclui o caráter inovador, contemporâneo; na verdade, a dialética supõe exatamente o encontro entre ambos para viabilizar a educação sensível e a fruição estética; e se isso não supera a dinâmica neoliberal, e não se pode ser ingênuo em relação a esse fato, ao menos satisfaz algumas das necessidades elementares do homem, como a organização interna a partir da leitura de mundo e de texto, parafraseando o educador Paulo Freire, para quem ensinar é um ato de mão dupla, pois "ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo" (Freire, 1987, p.68).

Depreende-se, então, ser a educação um processo emancipatório, e a leitura, sem dúvida, é uma das formas mais potentes desse processo, já que favorece o convívio social, a abstração, e não menos importante, a possibilidade de interação mais profunda com o outro, pois trata de uma interlocução constante e do "reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo (Candido, 2017, p. 174).

A literatura lida com o mais natural e o mais contraditório na sociedade, isso porque ela expressa as muitas e diferentes idiossincrasias, transpondo para o universo ficcional as questões conflituosas do homem, conforme assevera Candido ao afirmar o direito à literatura e ao acesso aos diferentes gêneros literários, cujas leituras são fundamentais para a compreensão de si, do outro e do mundo.

No caso da literatura infantojuvenil, além desses pontos, ela remete, também, à ludicidade, elemento importante para discorrer sobre as questões que perpassam o humano. Outro ponto relevante é o fato de que a literatura infantojuvenil desperta a imaginação a partir do simbólico, podendo efetivar a compreensão de si, do outro e do mundo mediante a relação entre realidade-ficção-realidade, levando em conta o fato de que ao ficcionalizar o real, o jovem leitor pode elaborar sentimentos nem sempre confortáveis, mas passíveis de leituras mais profundas quando tratados pelo discurso literário. É como a criança que ao ler um conto de fadas, por exemplo, elabora, via linguagem simbólica, sentimentos de medo, ou ainda, as leituras mais voltadas aos afetos e relações interpessoais para o jovem pré-adolescente que está em fase de descobertas do próprio corpo e de questões ligadas a sua identidade e presença no mundo.

Nesse viés, o ensino de literatura infantojuvenil passa, também, pela compreensão das questões relativas ao ato de ensinar, ou seja, ao como ensinar, como lidar com o texto literário clássico e com as inovações que, de algum modo, podem reconfigurá-lo ou relegá-lo ao esquecimento. Esta, dentre outras questões, são trazidas pelos docentes dos cursos superiores, sobretudo nos cursos de Pedagogia e de

Letras, como anteriormente mencionado, pois eles estão à frente do processo de ensino e aprendizagem nas escolas de educação básica.

No entanto, como também nos mostra Candido, a literatura e a arte, bens incompressíveis por garantirem a integridade humana, só poderão ser consideradas como tal,

> segundo uma organização justa da sociedade, se corresponderem a necessidades profundas do ser humano, a necessidades que não podem deixar de ser satisfeitas sob pena de desorganização pessoal, ou pelo menos, de frustração mutiladora. (Candido, 2017, p. 176)

Nota-se que as palavras acima enunciadas encontram eco nas considerações acerca da necessidade de se refletir sobre o ensino no contexto da sociedade neoliberal que cria demandas e imperativos para o consumo de toda ordem, evidenciando cada vez mais a diferença de classes, seja sob o foco econômico, seja sob o cultural, já que para a Indústria Cultural,

> o trabalho social de todo indivíduo está mediatizado pelo princípio do eu na economia burguesa; a um ele deve restituir o capital aumentado, a outro a força para um excedente de trabalho. Mas quanto mais o processo da auto-conservação é assegurado pela divisão burguesa do trabalho, tanto mais ele força a auto-alienação dos indivíduos, que têm que se formar no corpo e na alma segundo a aparelhagem técnica" (Adorno & Horkheimer, 1985, p.16) (grafado conf. consta da obra, por isso sem alteração ortográfica)

Assim, considerando os efeitos nefastos da Indústria Cultural, observa-se que a não satisfação mínima de necessidades elementares, como o acesso à educação, à arte e à cultura, e nesse contexto, à literatura, ou seja, aos bens incompressíveis, promove a desorganização individual e coletiva, levando ao caos social, ou à frustração mutiladora, como apontou Candido. Daí ser premente a valorização constante do ensino, e, no caso do recorte para esta reflexão, o de literatura infantojuvenil, mediante o respeito à dignidade dos docentes e dos alunos, diretamente envolvidos na relação de ensino e aprendizagem.

2.1 A contemporaneidade, o ensino de literatura infantojuvenil e a leitura literária

A literatura infantojuvenil, como já dito, trata das muitas temáticas da humanidade; sua potência está na forma de apresentar tais temas, a exemplo das ilustrações, sons e outros recursos que tornam o livro mais interativo, tanto no impresso, quanto no meio digital. Assim, é importante, no processo de formação leitora, examinar, com maior atenção, o que vem sendo veiculado, como, e a quem se destina o texto a ser trabalhado em sala de aula, visto não ser raro as intempéries mais ácidas entre autores e leitores acerca de temas conflituosos, a ponto de gerar insultos de toda ordem, e por vezes, o cancelamento do outro em detrimento da disposição de ouvir e respeitar a diferença de opinião.

Isso não quer dizer que se deva trabalhar apenas contos da carochinha, pois esse não seria o melhor caminho para lidar com problema tão atual e recorrente na sociedade, porém, talvez seja interessante conjugar o recurso mais atual em termos de tecnologia com a ponta do lápis ou da caneta, ou seja, sublinhar partes do texto, fazer anotações sobre determinado trecho da obra que, por vezes, parece não fazer sentido para o leitor. Atualizar-se diariamente sobre as novidades em termos de tecnologias

para o ensino, parece, no mínimo, utópico, no entanto, as perguntas acima decorrem do "correr atrás constantemente", e da necessidade de estar sempre adiante. Mas adiante do quê, exatamente? Ensinar literatura significa, inclusive, dar um passo atrás, fazer o caminho inverso, diminuir a distância entre o mais atual e o mais antigo, atentar para os discursos puramente ideológicos que minam a educação sensível, pois limitam a leitura a uma ou duas questões que estão na ordem do momento.

Não se trata de deslegitimar questões tão reais quanto prementes, nem mesmo de desdenhar do potencial tecnológico (que bem administrado com o intuito claro de educar pode ser uma importante ferramenta para o ensino), mas, sim, de ampliar a percepção sobre os complexos sentidos que se constroem quando são realizadas leituras mais aprofundadas e até mesmo mais performáticas, isto é, encenadas, reiterando, desse modo, a importância da formação sensível do sujeito cognoscente e, consequentemente, do sujeito social.

É nesse solo que o ensino de literatura, notadamente a infantojuvenil, se coloca como terra fértil, tendo na figura do professor o semeador em cujas mãos estão as sementes literárias que poderão ensinar quão preciosas são a terra, a água, o sol e todas as propriedades desse mundo que habita o interior desta semente, que antes mesmo de germinar, já é árvore. Pensar o ensino nessa perspectiva, significa, então, ir na contramão de alguns modismos advindos de discursos hegemônicos propagados pela Indústria Cultural; implica adentrar as entrelinhas da obra literária, observando os contextos em que se produziu, retomando a caneta e o lápis como técnicas de anotação analógicas, porém, tão eficazes quanto o computador.

Quanto à criação, releitura e adaptação do texto literário para o virtual, não é novidade que, mesmo navegando no ciberespaço, ou seja, no "espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores" (Lévy, 1999, p. 92), conforme aponta o filósofo e sociólogo, Pierre Lévy, os antigos suportes, como a voz advinda do corpo e o papel em que se imprimem os mais diversos textos, ainda persistem, propondo, inclusive, possibilidades interativas, tantos quanto os aplicativos.

Dito de outro modo, trata-se de promover o diálogo entre a ancestralidade oral, o texto clássico, a inovação tecnológica e, claro, a impressão firmada pela caneta, pelo lápis, pela máquina de escrever, e até pela virtualidade, sem que um supere o outro, mas, sim, que coexistam, na perspectiva de uma educação sensível, na qual a literatura se insere.

Ao considerar o corpo, a voz, e os suportes que acolhem, a seu modo, o texto literário, pode-se inferir que a literatura e a leitura são gestos, pois,

> Corpo, linguagem e mundo estão entrelaçados e no contexto da leitura levam a questionamentos acerca do que significa, de fato, ler, e no caso da leitura literária, ela implica uma linguagem pertinente, sobremodo, à estética e à poética, e, nesse contexto, ao corpo. Se considerada na perspectiva do ensino de literatura, podemos dizer que tal leitura representa uma fresta da qual emergem diferentes perspectivas de mundo e de movimentos que se conectam [...]. Tanto o ensino de literatura quanto a leitura enquanto gestos, realizam, concretizam e atualizam os signos podendo ultrapassar as convenções para se reconfigurarem. (Lobo, 2023, p. 3-8)

Reitera-se, assim, quão importante é exercer o direito à literatura, e, certamente, à leitura, questões fundamentais para a sociedade e da qual a literatura é tributária, ora como produtora, ora como receptora. Direito universal inalienável, ela permite a experiência com diferentes realidades e situações, convocando a novas visões de mundo, de modo a organizar o interior do homem, sendo indispensável para a educação sensível e, portanto, afeta à dimensão do ensino, sobre o qual se pretende tecer algumas considerações no tocante ao texto clássico e ao inovador, e como se configuram no âmbito do ensino de literatura.

O ensino de literatura pressupõe não apenas a formação acadêmica, como a sensibilidade do professor, sobre o qual muitas vezes pesam algumas críticas injustas, se considerado o fato de que é comum que esses docentes enfrentam diariamente, não raro, três turnos em escolas. Além disso, nem sempre há bibliotecas acessíveis ou espaços direcionados às práticas de outras atividades que envolvem a literatura, como as performances de leitura, por exemplo, as quais poderiam extrapolar a sala de aula e que ficam, na maior parte do tempo, destinadas às apresentações pontuais da escola. Embora não seja o fator decisivo para um ensino-aprendizado pleno, é importante levar em consideração os sujeitos e o espaços.

Arrisca-se dizer, ainda, que alguns estudantes universitários têm pouca bagagem literária, visto não lhes ter sido apresentados mais do que textos superficiais ou fragmentos de obras literárias que deixam a desejar, salvo se esse estudante, por interesse próprio, buscou aprofundar seus conhecimentos nessa área.

Cabe esclarecer que não se pretende julgar a docência exercida ou a postura estudantil, porém, é preciso trazer tal questão à tona para que haja cada vez mais a consciência de que o direito à literatura deve ser exercido desde sempre, e ao máximo, e ainda que não seja o foco desta reflexão a questão do neoliberalismo, é premente dizer o quanto ele compromete a cultura, na qual se insere a literatura, podendo levar à alienação e, consequentemente, ao empobrecimento cultural.

A literatura infantojuvenil também é atravessada pelo neoliberalismo, o que se torna muito preocupante, pois a formação leitora não pode prescindir do diálogo com os clássicos da literatura na contemporaneidade, questão capital para ampliar a leitura de mundo, e nesse sentido, a leitura como sujeito social.

Partindo de tais considerações, é interessante compreender a perspectiva de Candido e de Schwarz, ex-aluno e discípulo das teorias legadas pelo primeiro, e um dos grandes críticos literários da atualidade.

3 A LITERATURA, O ENSINO DE LITERATURA INFANTOJUVENIL A PARTIR DA PERSPECTIVA DE CANDIDO E SCHWARZ

Na perspectiva do fio condutor da presente reflexão acerca do ensino no contexto da leitura dos clássicos e do inovador no âmbito literário e do ensino, e, visando construir argumentos sobre sua relação com o ensino de literatura, nesta seção pretende-se, com base no diálogo entre Candido e Schwarz, apontar alguns elementos preponderantes nas respectivas críticas literárias por eles desenvolvidas para aprofundar a reflexão sobre cânone, inovação e ensino de literatura.

A relevância do diálogo com os críticos tem a ver com o fato de que sendo uma categoria da Literatura, a literatura infantojuvenil, de acordo com seu formato estético, busca apontar caminhos que provoquem o leitor, fazendo-o construir referenciais e, nesse sentido, implica conhecer elementos teóricos e críticos, a partir dos quais os temas por ela enunciados são orientados para o público infantojuvenil, com todo o respeito que lhe cabe.

Isso significa, dentre outras questões, não o infantilizar, pois a literatura infantojuvenil não tem a ver com a infantilização do jovem leitor; mas, sim, com a busca de formas que lhe despertem a sensibilidade e a percepção sobre os eventos que concorrem para sua formação subjetiva e social possibilitando a fruição estética com leituras cada vez mais aprofundadas que examinam os elementos sociais, culturais e artísticos inerentes ao discurso literário.

Sobre os críticos brasileiros, embora ambos considerem o texto como ponto de partida, e sobre o qual deve primar o rigoroso exame de sua estrutura, de forma muito objetiva, independentemente da ideologia do autor; o olhar de Candido analisa a relação ente literatura e sociedade em perspectiva mais sociológica, refutando o aspecto que torne a literatura somente documental, e atentando para o elemento norteador das ações de personagens em romances brasileiros, os quais revelariam os elementos extraliterários, oriundos da sociedade que lhes configuram.

Além disso, para este crítico e sociólogo a literatura só e possível por conjugar autor, obra e público, este último fundamental para a existência e comunicabilidade da obra, e também o sujeito capaz, pelo viés da compreensão do universo literário, de se tornar agente de transformação política e social.

Nessa direção, o filósofo e intelectual Renato Bueno Franco aponta que,

> Candido examinou a formação e desdobramento de uma tradição capaz de implicar formas literárias, gêneros, valores estéticos, circulação de ideias, constitutivas da atmosfera cultural do país; esta tradição seria condição necessária para a transformação cultural e política – além de ser veículo para o conhecimento aprofundado dos vários aspectos do Brasil. (Franco, 2023, p.110)

Nesse sentido, conforme aponta Franco, para Candido, ao absorver no ficcional os traços sociais, seria possível a transformação social.

Em se tratando da literatura infantojuvenil, isso torna-se possível quando não se infantiliza o leitor, o qual, respeitado, é capaz de absorver grande parte do que lê, ainda que lhe falte, em algum momento, maturidade para apreender, por exemplo, toda a complexidade das obras clássicas da literatura brasileira, como as de Machado de Assis, escritas no século XIX. Apesar do contexto da época, quando mediada pelo professor e em diálogo com os colegas da sala de aula e com outras áreas do conhecimento, é possível discutir a atualidade do tema machadiano no século XXI.

Infelizmente alguns educadores não consideram obras como as de Machado literatura indicada para jovens do ensino fundamental, no entanto, quando bem apresentadas pelo professor-mediador, este jovem pode compreender, por exemplo, questões ligadas aos preconceitos raciais, considerando a origem

do próprio Machado de Assis, filho de pai alforriado e mãe branca; bem como desvelar a divisão de classe social que grassa a sociedade contemporânea, tema trabalhado pelo autor do século XIX, com fina ironia.

Com efeito, uma leitura mediada poderia propiciar ricas discussões problematizando temas com os quais esse jovem leitor vem se deparando, e que estão referenciadas em Memórias Póstumas de Brás Cubas, por exemplo, além de outras obras do autor carioca. Em suas narrativas, Machado apresenta o elemento extraliterário, apontando para a realidade circundante. Não há dúvida de que, sem que se perca em anacronismos, o que empobreceria a obra machadiana e as potenciais discussões, a obra do autor tem diálogo profícuo com nossa contemporaneidade.

Retomando o diálogo entre Candido e Schwarz, a partir do convívio com o mestre Candido, de quem foi aluno, e ampliando a compreensão deste sobre a análise literária, Roberto Schwarz examina mais detalhadamente a relação entre a forma estética literária e a sociedade. para este crítico literário "A forma é considerada como síntese profunda do movimento histórico, em oposição à relativa superficialidade da reprodução documentária" (Schwarz, 1987, p.135).

Nesse contexto, outra obra clássica da literatura brasileira que muito dialoga com a contemporaneidade e com as questões trazidas pelo crítico Schwarz é As aventuras de Tibicuera, de Érico Veríssimo. A obra trata da questão muito atual da cultura indígena, representada pelo personagem Tibicuera, e também da própria história do Brasil, sobretudo na Era Vargas. Ou seja, pela forma literária o discurso apresenta ao leitor a história de seu país.

Nessa perspectiva, no contexto da forma estética literária, a figura do narrador revela o comportamento social configurando, então, a relação simultânea entre ficção e realidade, na qual se denunciava as questões do país, porém configurada pela forma estética literária, viabilizada pela narrativa.

Note-se que ambos os críticos refutam a perspectiva voltada ao traço documental, já que este traria o contorno da classe dominante, levando em conta a constituição histórica sempre contada pelo olhar do dominante, a exemplo do próprio descobrimento do Brasil, da violência contra os povos originários, do capitalismo impactando a sociedade do século XIX e, sem dúvida, questões contemporâneas que podem ser discutidas em sala de aula pelo viés do ensino de literatura infantojuvenil.

Certamente que a uma criança que está na educação infantil não se poderia apresentar tais contextos, porém, nada impede o educador, por meio da ludicidade, da ilustração, da contação de histórias, entre outros recursos, de trazer a questão do respeito ao outro, independentemente da raça, da cor, pois dessa ação no espaço de sala de aula é que derivará o respeito à sociedade.

No ensino de literatura infantojuvenil, tais apontamentos são importantes para discutir forma estética, conteúdo e sociedade, e, retomado o exemplo da obra de Machado de Assis mencionado anteriormente, seria oportuno dizer que os problemas ali apresentados persistem em nossa contemporaneidade, pois, apesar do expressivo avanço das discussões acerca de respeito à diversidade, bem como as políticas públicas, discussões como a questão racial, dentre outras, ainda são desafios para a educação,

e a releitura de clássicos da literatura brasileira como Memórias Póstumas de Brás Cubas e as aventuras de Tibicuera, ainda muito tem a oferecer aos leitores.

Esta é a potência da literatura e, especificamente no caso do público infantojuvenil, constitui-se como um dos mais efetivos aliados para a transformação social e política e, quando bem orientados para migrar para as outras formas estéticas como cinema, teatro e espaço virtual, muito provavelmente, podem romper paradigmas estagnados, provocando outros sentidos no leitor. Por isso, cabe ressaltar a significativa relação com o ensino, sobretudo quando realizada pelo professor-mediador de literatura.

Outro ponto a destacar nesse aspecto tem a ver com o conceito de letramento literário, o qual, segundo a professora Graça Paulino e o professor Rildo Cosson, é a manifesta capacidade de compreender a dimensão da literatura para além do texto, o que implica, coser o emaranhado de fios tecidos pelo discurso literário relacionando-o com os aspectos sociais, históricos e culturais.

Para Cosson,

> O letramento que se faz via textos literários compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também, e sobretudo, uma forma de assegurar seu domínio, seja este oferecido na escola, seja aquele que se encontra difuso na sociedade. (Cosson, 2006, p.12)

Em outras palavras, o letramento literário é também uma leitura de mundo e de texto, parafraseando Freire e, portanto, fundamental para a construção de sentido, para a educação estética da qual a transformação social e política pode derivar. Retomando Graça Paulino quanto ao letramento literário, observa-se o protagonismo que confere também professor no que toca à formação leitor em perspectiva letrada.

> Eis, pois, a evidência de que, para romper-se um ciclo de submissão, repetição, padronização, contrário ao letramento literário, é preciso manter viva a discussão sobre valores estéticos e suas funções, restabelecendo, ao mesmo tempo, a consciência do professor, ou do orientador, mediadores escolares da leitura, e, afinal, dois dos principais responsáveis pelas disfunções do livro para crianças (Paulino *apud* Rosa, 2010. p. 118)

As palavras da professora Graça Paulino evidenciam a importância da mediação, motivo pelo qual, a literatura, no caso, a infantojuvenil, foco dessa reflexão, deve ser sempre considerada como uma provocadora na medida em que é um ponto crucial de diálogo e para além da escola, são os significados construídos na relação com o outro, tanto quanto na subjetividade que subsidiam a práxis social. Concordando com Paulino, Cosson assevera que cabe à literatura "tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas" (Cosson, 2006, p. 17).

Diante da perspectiva de um ensino assentado no letramento literário é que se volta ao diálogo deste com os pressupostos de Candido e Schwarz acerca da relação dinâmica entre o discurso literário e a sociedade, o que enseja olhar mais acuradamente para os temas tratados pela literatura infantojuvenil, os quais não prescindem de um exame mais detido sobre os contextos de produção, notadamente quando se trata de propor diálogo entre o texto clássico e o inovador em termos de tecnologia, ou

supostamente inovador, se levado em conta, como já dito, que nem sempre se trata de inovação, mas do excesso do mesmo recondicionado a novas tecnologias ou suportes ou ainda, das demandas imperativas do mercado no contexto da Indústria Cultural.

Não obstante, os modos como se apresentam tais tecnologias ou suportes são tão sedutores quanto facilitadores, podendo ser aliados do ensino quando utilizados de forma a provocar em vez de trazer resultados determinados. Ao incorporar a tecnologia no ensino de literatura infantojuvenil o processo de leitura pode se tornar mais dinâmico, porém, isso nem sempre significa apreensão do texto, já que este pressupõe a capacidade de estabelecer relações entre o que se lê e a dimensão social subjacente ao texto e é justamente nesse ponto que se encontra o nó górdio, o qual pode ser uma quebra de paradigmas ou pode significar a manutenção de um status superficial, sob a falsa noção de protagonismo.

Desatá-lo de forma a romper paradigmas implica a relação entre educador e educando como protagonistas do processo, sendo o professor o mediador em prol de diálogo pautado nas percepções, visões de mundo e tensionamentos entre o formato literário e a sociedade, sem encerrar a questão em sua totalidade, pois a literatura não encerra, antes, ela provoca, do que resulta o letramento.

Por outro lado, desatar o nó górdio pode se tratar, também, de uma estratégia de manipulação pela Indústria Cultural visando a alienação, e, portanto, a manutenção de uma sociedade administrada por seus imperativos submetendo a massa mediante um discurso hegemônico, perpetrando as relações de poder da classe dominante, que hoje, detém, além do capital, a informação e nesse viés, as tecnologias, utilizadas para disseminar pensamentos estereotipados por meio dos apps, por exemplo. Nada mais contemporâneo.

Como já dito anteriormente, o clássico não exclui o inovador, assim como o presente e o contemporâneo não excluem o passado, nem poderiam já que derivam, de algum modo, dele, seja para reafirmá-lo, seja para alterá-lo, porém nunca se poderia negá-lo, isso seria negar a própria história que constituiu tanto o sujeito quanto a sociedade da qual este é partícipe. Por isso, atentar para esses elementos é questão sine qua non para que a formação que se pretenda como educação estética da própria sociedade.

4 O CANÔNICO E O INOVADOR: UMA PERSPECTIVA DIALÉTICA PARA O ENSINO DE LITERATURA IFANTOJUVENIL

Após tecer considerações acerca da potencialidade da literatura e da crítica literária para o ensino e, tendo em vista a sociedade marcada pelo neoliberalismo, na qual ambos se definem resta clara a dimensão alcançada pelo ensino de literatura infantojuvenil que entremeia o clássico com o inovador, não apenas no tocante à tecnologia e aos gêneros textuais, mas naquilo que essencialmente é seu tecido literário, a saber: a complexidade humana, os sentimentos e visões de mundo que configura o homem e se encontra com a literatura em todas as suas dimensões.

Do ponto de vista da incompressibilidade trazida por Candido, o direito à literatura encontra eco nas palavras da escritora Ana Maria Machado, segundo a qual,

> Cada um de nós tem direito a conhecer – ou ao menos a saber que existem as grandes obras literárias do patrimônio universal. Vários desses contados se estabelecem pela primeira vez na infância e juventude[...]. Esta história existe... Está ao meu alcance. Se quiser, sei onde encontrá-la. (Machado, 2002, p.38).

Para esses autores apresentar os clássicos aos jovens é oportunizar o encontro com o legado social, histórico e cultural deixado pelo homem por meio de sua escrita, dando a conhecer mediante lendas, folclore, mitos e ritos a trajetória humana que de geração em geração constituiu a sociedade. Desse modo, pode-se conscientizar sobre valores de uma vida digna, pautada no respeito à liberdade, à diversidade e à tolerância, ou seja, valores que levam à emancipação social.

E nada se compara, também, à capacidade inovadora do homem, visto que a ele pertencem as palavras, o simbólico e o universo que transforma em tecido literário, entrelaçando as fibras do pensamento, do desejo, da arte e do conhecimento para construir o que se denomina texto. É do entrelaçamento, e por que não dizer também, da ruptura dessas etapas que se constitui o fruto da experiência humana e o alinhavo trazido por esse leitor de mundo e da palavra, uma vez acolhido pelo professor, pode produzir outras tantas artesanias literárias.

Cabe trazer aqui as palavras do personagem Riobaldo, de Grande Serão Veredas, obra singular de Guimarães Rosa. "mestre não é quem sempre ensina, mas quem, de repente, aprende" (Rosa, 2001, p. 307) ou seja, ser mestre é da ordem do aprender e não apenas do ensinar, trata-se, então, de um movimento de troca de experiências.

Certamente, isso não exclui a necessária formação do professor, cujo papel é o de mediador na construção das leituras possíveis a partir do repertório apresentado ao aluno e dos diálogos suscitados, mas, para além da seleção vocabular e da dimensão linguística, a análise e interpretação do texto literário remete ao aprofundamento sobre o lugar do outro, buscando compreender lhe a linguagem, o gesto e outros detalhes esculpidos pelo texto em que se avultam as tensões advindas da relação entre elementos internos e externos ao discurso literário, visando um ensino de literatura na dimensão crítica, conforme trazido por Candido e Schwarz.

Para esses pensadores, o texto não se aparta da sociedade, primeiro por ser da ordem da relação entre autor, público e obra, como disse Candido, e, desse modo, trata-se de uma experiência individual e coletiva que se erige no simbólico expresso pelo texto literário. Para Candido, é preciso questionar como os elementos extraliterários estruturam seus elementos internos configurando a obra literária e seus personagens.

Já para Schwarz, a forma estética revela a construção social na qual transitam personagens atuando conforme a sociedade, ou seja, o dispositivo formal da obra literária é o registro da estrutura social. Os dois intelectuais reiteram a potencialidade da literatura como instrumento de reflexão e de transformação social e política, sendo um bem inalienável ao qual todos têm direito.

No que toca à literatura infantojuvenil, esse poder transformador atinge patamares substantivos por estar diretamente ligado ao processo formativo dos jovens leitores, motivo pelo qual não se pode ins-

trumentalizar o ensino de literatura, sob o risco de não efetivar uma formação leitora e, nesse contexto, o diálogo entre o clássico e o inovador atinge seu ápice, essencialmente porque inovar tem a ver com o próprio sujeito leitor, considerando suas inquietações, dilemas e buscas por respostas sobre si, sobre o outro e o mundo.

Como já dito, o sentimento humano é ponto de partida e de chegada da literatura, pois é ao homem que se ensina e com quem se aprende, corroborando o movimento social, histórico e cultural dessa relação. Se a excelência da obra literária reside no fato de ser universal e particular ao mesmo tempo, de ser capaz de levar à fruição estética, então pode-se dizer que ela é também um caminho para a educação sensível, a qual se realiza pelo ensino e aprendizagem. É desse pressuposto que se compreende a construção da interlocução entre tradição, ou seja, o clássico e o inovador no ensino de literatura infantojuvenil.

Um ponto que pode ser esclarecedor de tal pensamento tem a ver com o volume de obras contemporâneas inspiradas em obras medievais ou ao menos em personagens do Medievo. Fadas, bruxas, castelos, magias e outros tantos aspectos que as caracterizam denotam o diálogo atemporal com o canônico. A título de exemplo, a obra *As crônicas de Nárnia*, ao trazer O leão, a feiticeira e o guarda-roupa, remonta, a seu modo, aos feitiços condenados pela Inquisição, durante a Idade Média. Outro exemplo, é o Senhor dos Anéis, com suas figuras beirando a bestialidade da Idade Média. Seguem-se a estas outras obras nas quais a figura da bruxa, da magia e do dragão são recorrentes.

Do ponto de vista da nossa contemporaneidade do século XXI, cabe ressaltar o diálogo interartes entre essas obras e o cinema. No campo da literatura nacional, pode-se trazer *Memórias do Sargento de Milícias* e *O Cortiço* entre outros clássicos da literatura brasileira que se tornaram jogos virtuais, conquistando internautas leitores e aqueles que antes dos jogos, não as conheciam. Sem dúvida, o jogo, dada sua ludicidade, torna a leitura mais prazerosa, e também não se nega o quanto pode ser mais acessível assistir ao filme no cinema ou nos streamings, todavia, é imprescindível que tais dispositivos sejam criteriosamente selecionados e depois de assistidos ou jogados, que sejam objeto de discussões para além dos efeitos visuais e sonoros.

Talvez mais efetivo ainda seja convidar esses leitores da imagem, tanto do filme quanto do jogo, a participar da leitura do clássico que lhes serviu de inspiração, de modo que possam compreender como a tradução de um dispositivo para outro tem a ver com a negociação entre seus elementos visto que a dinâmica da obra literária exige mais atenção e, quiçá, criatividade por parte do leitor para imaginar e preencher alguns espaços não pré-determinados. No caso do jogo, sobretudo no virtual, a ubiquidade é um fator significativo enquanto no cinema a imagem e o som contribuem para agilizar a produção de sentidos.

Não é demais ressaltar, ainda, a ludicidade presente na literatura infantojuvenil, sobretudo quando se trata de obra infantil, na qual as imagens, as palavras em caixa alta, as rimas e as prosopopeias, entre outros aspectos, são extremamente convidativas, em especial quando há também há onomatopeias sonoras, como ocorrem em livros para crianças de até 3 anos de idade. Tudo isso corrobora ser o texto literário impresso tão sedutor quanto o viabilizado pelos dispositivos e apps e, justamente por isso, o ensino de literatura é tão significativo, assim como o papel do professor, que atua como mediador entre a criança, o objeto literário e seu entorno social e cultural.

Novamente, não se trata de sobrepor um ao outro, pois cinema e jogo podem ser estratégias para o ensino de literatura infantojuvenil, bem como o tradicional e o canônico, os apps e o livro impresso. No entanto, é bom frisar a relevância de não se perder de vista a formação pautada na educação sensível, da qual o ensino deve ser tributário, e é no âmbito do diálogo entre o inovador e o canônico que pode resultar a potência transformadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Longe de esgotar assunto tão desafiador, pode-se dizer que se ler e ensinar são aventuras deleitosas e também desafios, e a literatura infantojuvenil é o solo no qual sementes dessa aventura e desafios são plantadas. Mas há de se fertilizar o solo com leituras outras, além do próprio texto literário para que se efetive o letramento e, junto a ele, o potente diálogo entre o canônico e o tradicional.

A partir das considerações aqui tecidas, pode-se inferir que a perspectiva dialética entre o canônico e o inovador no âmbito do literário é fundamental para que a releitura dos clássicos seja compreendida como elemento fundamental na construção de sentidos por parte do leitor, e nesse sentido, o papel do educador é crucial para tecer diálogos entre a literatura clássica e a contemporaneidade, podendo lançar mão das tecnologias para inovar a forma de ler.

No entanto, tal empresa demanda conhecimento por parte do educador, cujo desafio é justamente provocar o leitor a depreender das questões trazidas pelo século XIX, por exemplo, a atualidade. Na perspectiva do ensino e aprendizagem de literatura infantojuvenil, a leitura dos clássicos somada aos avanços tecnológicos pode ser inovadora na medida em que do diálogo entre o clássico e o inovador, possam surgir novas possibilidade de leitura do texto, do outro e do mundo, pois, é fato, como apontado nesta reflexão que a literatura infantojuvenil trata da complexidade do humano, ou seja, o conteúdo é universal, mas é na forma estética literária que se pode inovar.

O ensino de literatura infantojuvenil lida com a formação do leitor desde a infância, ponto crucial para a educação sensível, já que a infância é a idade da abertura ao novo, idade muito propícia para a experimentação. Uma vez educada em sua sensibilidade, o jovem leitor, será capaz de construir sentidos que rompam com a lógica imposta pela Indústria Cultural, e, consequentemente, se tornará o leitor do outro e da diversidade, tema recorrente na atualidade.

Daí ser fundamental uma educação que examine os avanços tecnológicos sem demonizá-los, nem endeusá-los, e no ensino de literatura, notadamente a infantojuvenil, recorte para esse exercício de pensamento, refletir sobre suas benesses e sobre os desafios que se impõem para consolidar um aprendizado no qual, sem que um exclua o outro, seja despertada a dimensão crítica requerida para utilizar desses recursos, sem perder de vista a capital relevância do humano.

Não há receita sobre como ensinar, porém, compreender o quanto literatura e sociedade estão imbricados, considerando as palavras de Antonio Candido e Roberto Schwarz, não se pode prescindir de (re) visitar os clássicos da literatura buscando diálogos mais estreitos com as inovações que supostamente

se delineiam no âmbito social. Supostamente porque às vezes a inovação se dá na superficialidade, atendendo apenas aos interesses preconizados pela sociedade neoliberal sem levar em consideração o direito à literatura, às artes e à cultura.

Ensinar literatura infantojuvenil no âmbito da leitura do clássico em diálogo com o inovador significa, então, aprender com o outro, ensinar e aprender a fruir esteticamente e criticamente, refletir sobre as teorias da literatura visando o diálogo e o tensionamento com outras áreas do conhecimento, bem como com as novas linguagens, inclusive as da tecnologia.

Reiterando o não esgotamento do tema, bem como o desafio que se impõe para os que buscam pelo viés da literatura, compreender a si ao outro e ao mundo, arrisca-se a dizer que antes de responder, o que move o ensino, inclusive o de literatura infantojuvenil é o desejo de provocar reflexões acerca da sociedade, da história sob qual ela se assenta, sobre a cultura que lhe é pertinente e, para além, buscar nas entrelinhas do texto literário, alguns fios urdidos pelas teorias e críticas literárias, e sempre que possível, entremeá-los às artes, à filosofia, a história e demais áreas do conhecimento. Porém, que desse entremear possa vicejar a dimensão criativa, inerente ao humano independentemente de classe social.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund; HORKHEIMER, Max. Indústria Cultural: O esclarecimento como mistificação das massas In*:* **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 6ª. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2017.

COSSON, Rildo. **Letramento literário***:* teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

DARDOT, Pierre.; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo***: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. Tradução de Mariana Echalar. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

FRANCO, Renato. **A teoría crítica de Roberto Schwarz***.* Uma introdução. Constelaciones. Revista De Teoría Crítica, (15ª Ed.), 104–135. Disponível em: < https://constelaciones-rtc.net/article/view/5118 >. Acesso em12/06/2024

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999

LOBO, Dalva de Souza. **O ensino de literatura e a leitura literária como gestos**. **Devir Educação.** Disponível em: <https://devireducacao.ded.ufla.br/index.php/DEVIR/article/view/753/500>. Acesso em 25/08/2024.

MACHADO, Ana Maria. **Lectura, escuela y creación literaria**. Madri: Anaya, 2002.

ROSA, Cristina Maria. **Letramento Literário**. **Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa.** Brasil, São Paulo, volume 1, nº. 11, pp. 188 -195, Set. 2011. Disponível em: http://www.acoalfaplp.net . <Acesso em 13-06-2024>

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão**: veredas. 19ª ed. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 2001.

SCHWARZ, Roberto. Pressupostos, salvo engano, da dialética da malandragem, *in* **Sequências brasileiras**, São Paulo: Companhia das Letras, 1987